

Brasileira vence ‘Nobel de Agricultura’: ‘futuro é sustentável e feminino’

Cientista da Embrapa Soja desenvolveu tecnologia com insumos biológicos que gerou economia de US\$ 25 bi em 2024

CAROLINA NALIN
carol.nalin@oglobo.com.br

No país que se tornou celeiro do mundo, quatro décadas de pesquisa dedicada à transformação da agricultura por meio da ciência do solo marcam o extenso trabalho de Mariangela Hungria, da Embrapa Soja (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). A engenheira agrônoma acabou de se tornar a primeira mulher brasileira a conquistar o Prêmio Mundial de Alimentação, o World Food Prize (WFP), considerado o “Nobel da Agricultura”.

Para a pesquisadora, que atua há 43 anos na Embrapa e acompanhou de perto o avanço da produtividade do campo brasileiro, a agricultura mundial caminha para um modelo

mais regenerativo e com maior papel das mulheres nos processos de produção:

— Vejo no mundo inteiro uma busca por uma agricultura mais equilibrada, sustentável e biológica. A agricultura do futuro é também feminina. As mulheres desempenham grande papel na agricultura familiar e estão mais conscientes e preocupadas com a sustentabilidade, mas isso precisa ser mais valorizado.

CERIMÔNIA NOS EUA

Criado pelo Nobel da Paz Norman Borlaug, o WFP homenageia anualmente pessoas que contribuem para melhorar a qualidade, a quantidade e disponibilidade de alimentos no mundo. A cerimônia de entrega do prêmio será em 23 de outubro, em Des Moines, Iowa

(EUA). O laureado recebe US\$ 500 mil.

— As descobertas e desenvolvimentos de Mariangela Hungria contribuíram para levar o Brasil a tornar-se um celeiro mundial — afirmou a governadora de Iowa, Kim Reynolds, ao anunciar o prêmio.

O reconhecimento internacional veio, principalmente, pelas pesquisas com o uso de bactérias que ajudam a planta da soja a captar nitrogênio do ar, dispensando o uso de adubos químicos. A tecnologia hoje serve não só para soja, mas também milho e trigo.

A pesquisadora conta que apostou na microbiologia do solo quando poucos acreditavam. Na década de 1970, quando o Brasil deixou de ser um país importador de grãos para se tornar exportador, ha-



Aposta no conhecimento. Mariangela Hungria no Laboratório de Biotecnologia do Solo, em Londrina, no Paraná

via um consenso de que somente os insumos químicos poderiam contribuir para aumentar a produção.

— Na época, ninguém ligava para os biológicos. Não foi fácil achar alguém que me orientasse no mestrado — conta. — Depois fui fazer doutorado com foco em microrganismos que contribuem para a nutrição das plantas. Queria trabalhar no sentido de substituição total ou parcial de fertilizantes químicos por produtos biológicos — diz ela, que é mestre em Solos e Nutrição de Plantas pela Esalq/USP e doutora

em Ciência do Solo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Convencer agricultores a usar insumos biológicos não foi tarefa fácil, já que a indústria de fertilizantes químicos crescia e tinha investimento pesado em marketing, o que exigiu tempo e diálogo para convencê-los com uma alternativa eficaz e sustentável.

Segundo a Embrapa, a aplicação de bactérias benéficas ao solo no desenvolvimento da planta já é adotada em 85% da área total cultivada de soja no

país. A tecnologia gerou economia estimada em US\$ 25 bilhões em 2024. Além disso, contribuiu para evitar a emissão de mais de 230 milhões de toneladas de CO₂ equivalentes na atmosfera.

A cientista ainda vê um enorme potencial de expansão para o uso de recursos biológicos no Brasil e no mundo:

— Somos palco para o mundo no uso de biológicos, mas ainda temos uma taxa de adoção de 15% dos nossos agricultores ao uso de biológicos em relação aos químicos. Temos muito espaço para crescer.